

ESTUDO

1. Cassiana Licia de Lacerda Carollo
2. Cecília Teixeira de Oliveira Zokner
3. Antonio José Sandmann
4. Reinaldo Bossmann
5. Luigi Castagnola
6. Sigrid P. M. L. S. Renaux

OS MANIFESTOS DE JOAQUIM:
O espírito irreverente de 22 e as preocupações de 45
Cassiana L. de Lacerda Carollo

A perspectiva histórica já permite falar de 22 como um movimento de cunho didático obrigatório e de posição definida na evolução da Literatura Brasileira. Seu caráter de ruptura e abertura nos impõe a aceitação, a partir desta data simbólica, como do início de novas propostas de manipulação de signos.

Sua principal proposta é sem dúvida, a característica de libertação, o que lhe dá o caráter de um movimento cuja soma de princípios puderam ser manipulados livremente.

Seu avanço se deu na medida em que o passado foi deglutido em permanente auto-revisão:

"De 22 a 30, de 30 a 45, de 45 ao concretismo, do concretismo ao "não-objeto", de "não-objeto" à poesia praxis, 22 se revê; e se critica a si mesmo, e se supera algumas vezes. Sem cair numa inatividade dialética que lhe seria um desfecho melancólico."¹

Porém, nenhuma de suas fases ou gerações é tão discutida como a que se denominou "geração de 45".

(1) CASSIANO RICARDO. Geração de 45. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, USP, (5): 64-82, 1968.

Para alguns, 45 não possui elementos suficientes de sustentação histórica, não passando de um agrupamento de transição enquanto outros, consideram que em 45 assistiremos "a um novo anseio generalizador, procurando fazer da expressão literária um problema de interesse formal e de pesquisa interior."²

Neste sentido a geração 45, com todas as suas incertezas, apresenta elementos que comprovam sua existência, principalmente as inquietações de uma geração que não acredita naqueles que a precederam e cuja existência já não pode ser negada, desde que este mesmo grupo foi sucedido por outro que já não acreditou nele.

Discutidas suas qualidades e defeitos, esta perspectiva impõe 45 na Literatura Brasileira, seja como um movimento de "deteriorização do espírito criador do modernismo", seja como um movimento de características universalistas e de formas de expressão rigorosas.

Ainda não tendo havido um confronto de opiniões, é difícil delimitar as características comuns dos escritores desta geração; porém no ambiente carregado de esperanças políticas que sucedeu ao Estado Novo, na encruzilhada de linhas estéticas e filosóficas, foi esta geração quem abriu o processo de julgamento do modernismo brasileiro.

(2) MELLO E SOUZA, Antonio Cândido. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1967. p.151.

Um balanço parcial desta geração de rapazes "afeitos à dialética existencial" já nos permite ver como seu principal interesse "as revistas e agrupamentos poéticos e críticos, as mais das vezes fascinadas por problemas de organização formal da sensibilidade, de clarividência poética, e manifestando impaciência com as improvisações da geração anterior."³

Situada entre as revistas mais importantes desta geração, a revista *Joaquim* "em homenagem a todos os Joaquins do Brasil", vai se impor desde seu primeiro número por representar, no plano nacional, as inquietações de sua época, e no plano local, a ruptura que o Paraná esperava para finalmente se introduzir no espírito do século XX.

Assim, o primeiro número de *Joaquim*, publicado em abril de 1946, se constituirá no início de uma nova fase para a literatura do Paraná, cujo reconhecimento se deu desde logo, conforme testemunho dos nomes mais representativos do momento.

Em carta a Dalton Trevisan, diretor da revista desde o seu primeiro número até o último, em dezembro de 1948,⁴ Carlos

(3) MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Literatura e Sociedade*.

São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1967, p.15.

(4) A revista teve, no decorrer de seus 21 exemplares, a seguinte organização:

Do primeiro ao quarto número: Diretores: Dalton Trevisan (proprietário), Erasmo Pilotto e Antônio Wolger (gerente).

No quinto e sexto número: Diretor: Dalton Trevisan, Secretário: Potyguara Lazarotto e Gerente: Antônio Wolger.

Do sétimo ao oitavo números: Diretor: Dalton Trevisan, Se-

Drummond de Andrade diz ter encontrado nesta revista "esse fermento de "coisa nova" que é tão precioso e passa tão rápido."

Os textos enviados por Drummond, Bandeira, Oswald de Andrade, Otto Maria Carpeaux, e outros, atestam a receptividade da revista desde o seu primeiro número.

Porém, foi o artigo de Antônio Cândido: *Joaquim a irreverente e a heróica*, publicado no rodapé dos Diários Associados,⁵ talvez o mais importante e esclarecedor na definição do espírito da revista, que vai se destacar inicialmente, pela sua crítica, demolidora e satírica.

"Que delícia uma revista cuja redação é na Rua Emiliano Pernetta, 476, e que, promete publicar artigo sob o título: "Emiliano, poeta medíocre" já havia observado Carlos Drummond de Andrade; o que vem coincidir com as observações de Antônio Cândido.

Secretário: Gianfranco Bonfanti, Gerente: Antônio Walger.

Nono número: A mesma direção e paginação de Orlando Simões.

Décimo número: Diretor: Dalton Trevisan, Secretário: G. Bonfanti e Yllen Keer, Gerente: Antônio Walger, Paginações: Orlando Simões.

Décimo primeiro número: Diretor: D. Trevisan, Secretários: Bonfanti, Yllen Keer, Nacim Bacila Neto, Gerente: A. Walger, Paginações: Orlando Simões.

Do décimo segundo número ao décimo terceiro: Diretor: D. Trevisan, Secretário: Y. Keer, Redatores: Waltemir Dutra, Renina Kats, Nacim Bacila Neto, Gerente: A. Walger, Pagina-

(5) Este mesmo artigo foi reproduzido no 29 número de *Joaquim*.

Este último, comparando o espírito das publicações mais significativas dos rapazes de 45: *Provincia de São Pedro* (RGS), *Edifício* (BH) *Joaquim* (PR) e *Magog* (RJ), confessa-se mais interessado pelas três últimas que "refletem de certo modo, as cidades de onde provêm, e mais ainda:

"A do Rio, *Magog*, é feita num lugar em que tudo já foi conquistado para os moços, podendo se dar os luxos que julgam convenientes. A de Belo Horizonte, *Edifício*, nasce de um lugar onde, embora alguma coisa já tenha sido conquistada para os moços, eles ainda tem pela frente muitas tarefas profiláticas. A de Curitiba, *Joaquim*, vem de onde tudo parece estar por fazer, devendo os rapazes dispender a maior parte de sua energia em desvelar os fósseis e educar o gosto dos leitores. Porisso, talvez, *Joaquim* seja o mais irreverente e heróico; *Edifício*, o mais desencorajador e indeciso; *Magog*, o mais sofisticado e sob uma rebeldia aparentemente conformada."⁶

As opiniões da crítica e o conteúdo da revista já nos permitem a caracterização do ideário de *Joaquim*, como resultado de confluência de duas linhas fundamentais: as inquietações da "geração de 45" e as preocupações de ruptura com o meio local, que resultaram na tão comentada irreverência.

ção: O. Simões.

Do décimo quarto número ao décimo quinto: Diretor: D. Trevisan, Secretários Waltemir Dutra, Renina Kats, Gerente: A. Walger, Paginação: O. Simões.

(6) Artigo publicado no rodapé da Revista dos *Diários Associados* e reproduzido no segundo número de *Joaquim*.

Como consequência desta última preocupação, observaremos seu papel definido na evolução da literatura do Paraná e a irreverência como resultado de necessidades locais.

Esta mesma preocupação levou grande parte da crítica a aproximar o espírito demolidor da revista com o clima de 22. Não foram poucos os críticos que se manifestaram neste sentido, sendo talvez, Sérgio Millet o mais lúcido de todos por ver no aparecimento de "geração Joaquim" o resultado da abertura de 22, a repetição de certos tons e motivos que 22 pôs em regra.

Este mesmo crítico acrescenta que "desde a vitória de 22 contra a geração acadêmica, eu venho aguardando uma geração que venha destruir a nossa" e diz ainda que vê prenúncios desta destruição nas revistas *Magog Edifício* e *Joaquim*.

Se os "rapazes de Joaquim" protestaram contra as declarações de Érico Veríssimo, (quando este se referiu ao "ao movimento modernista que se procura no Paraná",) defendendo a revista de ter preocupações modernas e não modernistas, suas razões são evidentes no plano nacional.

No plano local (Paraná) e no ambiente em que surgiu a revista, a aproximação com o espírito de 22 é o resultado do trabalho demolidor a que foram obrigados, como necessidade de rup

Do décimo sexto ao décimo oitavo número: Diretor D. Trevisan, Secretários: Potyguara Lazarotto, Yllen Keer, Redatores: Renina Kats, W. Dutra, N. Bacila Neto, Gerente: A. Walger, Paginação: O. Simões.

Do décimo nono ao vigésimo primeiro número: Diretor: D. Trevisan, Secretários: P. Lazarotto, Y. Keer, Redatores: Re-

tura com o academicismo reinante. Assim, esta aproximação se desconhece aspectos da evolução da Literatura Brasileira após 22 foi o resultado de uma semelhança inegável entre as lutas dos moços de *Joaquim* e o ritmo iconoclasta e paradoxalmente estético de 22.

Como revista representativa de sua geração, *Joaquim*, não é apenas o repositório de textos de seus principais escritores e poetas (Ledo Ivo, Waltemir Dutra, Ferreira de Loanda, José Paulo Paes e outros) mas é o reflexo da problemática nacional.

Esta questão está melhor avaliada no artigo sobre *Joaquim*, de autoria de Tristão de Ataíde, em que o citado crítico ao indicar a necessidade de opinião da geração de após guerra e classificar os sinais dominantes nos jovens de *Edifício*, *Magog* e *Joaquim*, considera a revista paranaense como manifestação de uma nova ordem social e nacional:

"No plano estético a procura de uma nova liberdade e paradoxalmente de uma nova disciplina. Liberdade nos termos, disciplina na expressão."⁷

Por fim, cumpre destacar a preocupação da revista com a formação do gosto.

Estes componentes do ideário de *Joaquim* nos permitem estudar seus manifestos e artigos polêmicos a partir da seguinte seleção:

nina Kats, Waltemir Dutra, Gerente: A. Walger, Paginação:
O. Simões.

(7) O artigo, reproduzido em *Joaquim*, foi publicado no Suplemento de *A Manhã*, de 21/7/46.

- I Os manifestos propriamente ditos:
 - 1.1 "Manifesto para não ser lido"
 - 1.2 "Emiliano. Poeta Mediocre"
 - 1.3 "Viaro Helás... e abaixo Andersen"
 - 1.4 " A geração dos 20 anos na Ilha"
- II Notas de crítica demolidora em relação à problemática local
Oh idéias de província!
- III Textos e notas em que se reflete a preocupação com a problemática nacional e com o seu papel na literatura brasileira
 - 3.1 Depoimentos
 - 3.2 Nota sobre a entrevista de Veríssimo
 - 3.3 Resenhas sobre livros e revistas
- IV Preocupação com a formação do gosto e introdução de novas idéias estéticas.
Neste último item se destacam:
 - 4.1 "O futuro do romance" por Brasil Pinheiro Machado
 - 4.2 Lição Berlitz de composição do romance
 - 4.3 Traduções de Proust, Gide, Kafka, Joyce ou reprodução de páginas básicas de nossa literatura.
 - 4.4 Reprodução de manifestos da atualidade
 - 4.5 História Contemporânea
Página em que é feita uma espécie de colagem de textos que vão desde as notícias sobre a guerra até os textos sobre autores contemporâneos
 - 4.6 Artigos sobre artes plásticas; Idéias sobre a criação de um Museu de Arte Moderna e ainda notícias da

viagem de Poty à Europa, em que este último comenta as mais avançadas exposições realizadas em Paris.

(Os dois últimos itens não estudaremos neste trabalho por implicarem em uma análise de praticamente todo o conteúdo da revista, e que só se completaria com a análise dos textos literários, o que não é nosso propósito, no momento.)

1. *Os manifestos propriamente ditos*

"Manifesto para não ser lido"

O número inicial de *Joaquim* publica em sua primeira página o que classificou de o *Manifesto para não ser lido*.

Este manifesto não vem assinado, mas sabe-se ser de autoria de Erasmo Pilotto, homem de acentuada cultura; e que teve, neste sentido, um papel importantíssimo na formação dos rapazes de *Joaquim*. Sua presença na direção da revista⁸ é, portanto, básica no que se refere ao capítulo que chamamos de introdução de novas idéias estéticas.

Porém, é interessante assinalar que Erasmo Pilotto não só era mais velho que os outros colaboradores da revista, como sempre manifestou ligações com as letras paranaenses que serão criticadas pela revista; tendo escrito uma obra sobre Emiliano Perнета, de espírito laudatório, semelhante aos muitos estudos dos paranaenses sobre seus autores.

O *Manifesto para não ser lido* é na realidade uma coletânea de pensamentos, frases, enfim idéias sobre arte, extraídas das obras de Rilke, John Dewey, Gide, Maiakovski, Sergio Millet, Otto Maria Carpeaux e Verlaine.

(8) Erasmo Pilotto dirigirá a revista até o 4º número quando então abandonará, definitivamente.

Partindo da frase de Rilke: "os versos são experiências e é preciso ter vivido muito para escrever um só verso" une esta idéia àquela de Dewey sobre a necessidade de maior variedade de experiências para que todos pudessem participar. Em seguida reúne uma série de "experiências": a de Gide dizendo não ver mais lugar para os florescimentos das artes e da literatura diante dos acontecimentos da realidade particularmente a Russa, seguida da frase de Maiakoviski "eu me domo, o pê sobre a garganta de minha própria canção".

O longo trecho de SÉrgio Millet é por sua vez importante por destacar o papel do artista diante do momento que então se estará vivendo, assumindo o papel de liderança, significando a volta ao "princípio essencial da arte, a expressão!"

Segue-se uma classificação de Carpeaux sobre o "século do sub-consciente" implicando esta descoberta em novas transformações estilísticas.

Estas idéias, algumas contraditórias, mas todas tendo em comum a defesa da posição militante do artista ao lado da busca de novos processos de expressão, fecham-se com o pensamento de Verlaine: "Tudo é belo e bom, venha de onde vier e tenha sido obtido pelo processo que for".

Este manifesto, ainda que não tenha sido o mais "perturbador" da revista, e que não se caracterize pela irreverência que desde logo despertou o interesse da crítica brasileira, é uma declaração de princípios.

Em todos os números da revista observaremos estas mesmas preocupações se debatendo, quer no conteúdo dos depoimentos, quer nas páginas em que o momento contemporâneo é retratado ou delatado.

Suas linhas gerais traduzem a encruzilhada de 45 como o fim do surrealismo, ao lado do intelectualismo de Valery, bem como de fine os principais aspectos a autores que compõem "sua constelação existencial"

"Emiliano, Poeta Mediocre"

A revisão de Emiliano Pernetá, ainda que com a única preocupação de destruí-lo foi o texto mais significativo da linha irreverente de *Joaquim*.

O conteúdo demolidor e a tomada de posição, no sentido da não aceitação de antigos valores, dão a este ensaio o caráter de verdadeiro manifesto-base da revista.

Quando Antônio Cândido classificou o papel de *Joaquim*, ressaltou exatamente este sentido da "sua obra generosa de perfilaxia" e, viu a necessidade de um outro ensaio "Emiliano e outros Pernetas".

A epígrafe do ensaio "Não cabe aos moços comprar valores garantidos" (Jean Cocteau) já é um resumo do manifesto, por revelar a verdadeira preocupação de Dalton Trevisan, que não foi a de avaliar a obra de Emiliano, mas a destruição do mito-Emiliano:

"Emiliano Pernetá foi uma vítima da província em vida e morte. Em vida, a província não permitiu que ele fosse o grande poeta que podia ser, e, na morte, o cultua, como sendo o poeta que não foi. Há, no Paraná, por razões sentimentais, a mística de Emiliano, que não tem raízes na admiração dos moços; eles não a aceitam e repudiam. Não é em vão que a nossa geração, como o sangue e as lágrimas de duas guerras mundiais, sofrendo a sua inquietude tremenda de provar experiências decisivas na própria carne, precedeu como um motivo de sobrevivência, a subversão de todos os valores.

Nossa geração não quer mais nutrir-se de equívocos que a afastem da rua dos homens."

Como podemos observar, este é o primeiro manifesto da geração pela força de seus propósitos e tomada de posição diante dos valores locais.

Porém, só podemos avaliar a força da ruptura deste manifesto, considerando aquilo que se chamava de literatura paranaense de então, para ressaltarmos o porquê deste estado de coisas.

As características particulares ao simbolismo paranaense, desenvolvendo-se como movimento oficial e o fato de terem seus poetas representativos vivido num clima de mitização, explicam como ainda em 1946, a ruptura dos jovens se fizesse no sentido de negar "a literatura dos raios de luar".

Esta confusão entre literatura e vida literária vem sendo o ponto nevrálgico na avaliação daquele movimento, não só entre os críticos "parenistas", como entre os derrotistas.

A projeção social deste movimento no Paraná, e seu desenvolvimento em forma de rotina, explicam as aproximações do espírito da revista com aquele de 22, pela necessidade de negar um passado oposto às inovações.

Se a literatura do Paraná apresenta alguns casos isolados de poesia modernista, a ruptura renovadora não se deu até o surgimento de *Joaquim*.

Quem liderou as comemorações do centenário da independência entre nós foi Dario Veloso; e, suas atividades estiveram bem distantes dos caminhos que estas mesmas comemorações tomaram entre os jovens de São Paulo, que se serviram da ocasião para "fazer valer" algo de novo que já estava fermentando no grupo.

No Paraná, os jovens de 22 e dos anos seguintes sempre se mantiveram sentimentalmente ligados a Dario e a Emiliano, ou por terem sido seus discípulos (ambos foram professores) ou

por admirarem suas figuras humanas.

Seria realmente difícil a ruptura na medida que analisamos alguns fatos: a festa da primavera de 1916, o coroamento de Emiliano, etc.

Daí porque os "modernistas" de *Festa*, pelas suas ligações com o simbolismo, jamais representam para o Paraná, e mesmo para o Brasil, a geração do modernismo.

É bastante compreensível a reação de Tasso da Silveira, comentando a incoerência da revista, crítica certamente em decorrência do artigo sobre Emiliano.

A partir deste ensaio-manifesto, a revista fica definida diante das solicitações locais, do mesmo modo que se impõe no plano nacional.

Continua o estudo de Trevisan definindo a poesia de Emiliano como "poesia para ser recitada nas sessões litero-musicais, nos colégios em festa no dia da árvore", de "inspiração rasa como capim", das "imagens surradas de dicionário greco-latino", etc...

Enfim, são inúmeras as passagens que confirmam uma preocupação de ruptura e de tomar a posição em defesa dos novos valores, mesmo que para isto, tivesse que adotar uma posição radical.

"Viario, Helás... e abaixo Andersen"

Enquanto Trevisan lidera a renovação das letras, Poty (Potyguara Lazarotto) e Viario serão os responsáveis pela transformação das artes plásticas paranaenses.

Seus trabalhos, publicados na revista, que desde logo demonstrou preocupar-se com as ilustrações, e os artistas plásticos que êles conseguiram trazer para a mesma (capas de Portynari, Di Cavalcanti e outros) exigem cuidada valorização desta maté-

ria.

As ilustrações, capas e artigos e os ensaios ligados às artes plásticas, mostram que estas caminharam juntas com a literatura.

Assim, do mesmo modo que um antigo valor das letras foi demolido, no manifesto precedente, Andersen, o acadêmico da pintura paranaense, será demolido em favor de Viaro.

Este ensaio-manifesto, ainda que não seja assinado é provavelmente do mesmo autor do precedente, quer pela linha defendida, quer pela irreverência irônica.

" Lancemos um, exorcismo sobre Andersen, não tanto por causa dele, mas pelo que representa como arte superada, moldes consagrados, tabu.

Entre Andersen e Viaro, nós, os moços, já fizemos a nossa escolha; só nos servem, não os mortos, mas a nós os vivos, que criam a arte nova dos tempos novos.

E não se diga agora que os moços estão solapando os velhos ídolos, para nada oferecer em seu lugar. Mais uma vez entrou, no estúdio o membro da Academia José de Alencar e gritando histórico: "a beleza, onde está a beleza?"

Esta passagem, que é a defesa mais importante do ensaio, revela a mesma preocupação unindo literatura e artes plásticas na ruptura com o acadêmico.

Ainda que predomine o tom jocoso da pergunta do acadêmico, também é importante a formulação de um novo conceito de "beleza", princípio básico para o surgimento da arte moderna.

" A Geração dos 20 anos na Ilha."

Este manifesto reúne as preocupações lançadas nos manifestos precedentes, porém observa-se nítida mudança de tom. Tra-

ta-se de uma explicação da ruptura irreverente, explicando esta atitude pelo direito de "ataques sem dó como estado de consciência".

A geração diz não pretender ficar nas piadinhas à Emilio" sinal terrível de passagem", porém pretende defender-se da situação ilhada em que se manteve a literatura no Paraná. Tal a atitude é para eles imposição de sua experiência e defesa da liberdade.

Este manifesto cresce de importância se considerarmos que é nele que aparecem reunidos as preocupações com os problemas locais, nacionais e universais, além da consciência de geração.

Se os manifestos precedentes pecaram por aparente ausência de seriedade, "A Geração dos vinte anos na Ilha" é o pensamento sério de um grupo que se propôs a renovar e defender a liberdade, como resultado das experiências e consciência de uma época.

Observamos assim, a consciência crítica do grupo, aliada à lucidez, na medida que reconhecem, primeiramente, a necessidade de demolir, porém sabem o momento de deixar de lado a atitude. Daí a frase final: "a literatura paranaense começa hoje".

2. Notas de crítica demolidora ao provincianismo local

Através de um processo bastante jocoso, as idéias acadêmicas e ultrapassadas são ridicularizadas pela reprodução de passagens da imprensa local, precedidas da frase: "Oh idéias de Província!"

Conforme nota da redação, houve a preocupação em esclarecer o responsável por esta seção (que era Dalton Trevisan), certamente diante do efeito causado pela crítica, ainda que sem palavras.

Apesar de inconsequentes, estas notas significam grande

parte da ruptura, através da crítica àqueles valores que a tanto tempo sustentavam a opinião pública e a cultura paranaense.

Apenas a título de ilustração, reproduzimos algumas destas notas que apareceram até os últimos números da revista:

Oh! as idéias da província...

O Sr. Walfrido Piloto é o maior prosador paranaense.
Cerro Azul, na Gazeta do Povo.

Oh! as idéias de província...

"Pálio Verde" é livre de estréia e com ele,
estreiou bem Antônio Laercio
se bem que o poema Moderno tenha já extrebuchado no ataudé.

Gabriel Fontoura, na Gazeta do Povo.

3. A problemática nacional e a posição de Joaquim no desenvolvimento da literatura Brasileira.

Uma das contribuições mais importantes da revista, como retrato e repositório dos textos de uma geração, é a parte relativa aos depoimentos.

Em quase todos os números, ela apresenta entrevista com representantes do grupo: Ledo Ivo, Murilo Mendes, Bernardo Gersen, Temístocles Linhares, Poty, etc.

A tônica das questões propostas é a conceituação das tendências daquela geração, os temas defendidos, os poetas admirados e influências sofridas.

Também o inquérito sobre pintura demonstra a mesma preocupação com a problemática dos novos, seus ideais e influências.

Motivo interessante para um trabalho mais exaustivo seria a reconstituição do pensamento do grupo através das respostas dos entrevistados.

Conforme observamos anteriormente, uma das classificações

recebidas pelo grupo, em relação à sua própria posição na diacronia de nossa literatura, é aquela da aproximação com as idéias de 22.

Nesse sentido, da nota de redação publicada em protesto à entrevista de Érico Veríssimo, é bastante esclarecedora.

Defendendo-se da classificação de modernistas feita pelo escritor gaúcho os propósitos da revista ficam definitivamente esclarecidos:

" O movimento de renovação intentado por *Joaquim*, não tem ambições *Modernistas*: tem ambições modernas".

4. Formação do gosto e divulgação de novas idéias.

Fugindo ao propósito inicial de nosso trabalho que é o de analisar o ideário de *Joaquim*, através de seus manifestos, resta-nos revelar a preocupação da revista em divulgar textos e estudos sobre os autores que formaram a "constelação existencial" da geração de 45.

Traduções e estudos sobre Kafka, Gide, Rilke, Sartre, Joyce, etc. repetem-se ao longo da revista, sempre com o sentido de apontar os novos caminhos da literatura e do pensamento.

Entre as seções preocupadas com a divulgação dos acontecimentos mais inquietantes do momento é a chamada *História Contemporânea*. Aí eram publicados textos de jornais e revistas ao lado de passagens de obras mais recentes.

No terreno da crítica literária, destacam-se os nomes de Temístocles Linhares e Wilson Martins, seus colaboradores mais assíduos, o primeiro responsável por grande parte das traduções.

Também no campo da crítica de arte, *Joaquim* desenvolveu tra-

balho intenso de renovação.

Neste capítulo, torna-se mesmo difícil separar a crítica literária da crítica artística, pois elas formarão um conjunto de idéias ligadas à renovação do gosto local, preocupadas em introduzir novas idéias estéticas.

Referências Bibliográficas:

CASSIANO RICARDO. Geração 45. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, USP, (5): 64-82, 1968

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1967

JOAQUIM, Curitiba, nº 1-21, abril 1946 - dez. 1948